

A Fotografia no Jornalismo Científico: a Divulgação da Ciência e Tecnologia na Mídia Impressa Sergipana Cinform e Jornal da Cidade

Andreza Lisboa da Silva¹

Rodrigo Michell dos Santos Araujo²

Catarina Menezes Schneider³

Maria Beatriz Colucci⁴

Resumo

Este artigo investiga o papel da fotografia no Jornalismo Científico, buscando analisar a configuração de seu espaço na mídia impressa sergipana a partir de dois veículos de comunicação. Ao mapear teorias da fotografia e articulá-las com estudos sociológicos contemporâneos, observamos que as imagens mantêm relações cada vez mais fortes no mundo. Se a fotografia é capaz tanto do registrar quanto do inventar, e se é na imprensa que a imagem fotográfica documenta o real, partimos de seu entre lugar para tomarmos a fotografia no Jornalismo Científico como construtoras de narrativas que fabricam um mundo, mas sem distanciar-se da função de documentos sociais.

Palavras-chave: *Jornalismo Científico; Imagem; Fotografia; Jornal da Cidade; Cinform.*

Na superfície da humanidade algo circula, fazendo do mundo um vir-a-ser, um tornar-se. Mundo codificado, se assim quisermos denominá-lo, ou exposto. Parece salutar, assim, as palavras de Vilém Flusser (2007) dirigindo-se às programações da superfície,

¹ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFS. E-mail: drecas.slv@gmail.com

² Estudante de Mestrado do Curso de Licenciatura Português da UFS. E-mail: rodrigo.literatura@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFS. E-mail: schneidercatarina@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFS. E-mail: bcolucci@uol.com.br

marcada de cores e imagens, códigos, símbolos, tudo *significando* o mundo, construindo rotas, guiando-nos como um *fio de Dédalo*. “Uma imagem é uma superfície” (FLUSSER, 2007, p. 131). Tudo circundado por imagens. Imagens-mundo.

É então a imagem fotográfica, desde então reconhecida como testemunho de algo extinto, mas que lida sempre com o real, a que pode trazer à tona tais códigos na névoa do cotidiano. Assim, “o fato de a fotografia lidar sempre com o real faz com que seja tratada como algo sem importância, como se não decorresse de uma ordenação de linguagem” (HUMBERTO, 2000, p. 41). Tomada, portanto, a imagem fotográfica como *corpus* deste trabalho, argumentamos exatamente a configuração da ordenação de linguagem na fotografia, isto é, fotografia como linguagem, mensagem, *narração*.

A proposta do artigo é analisar o modo como a fotografia é trabalhada na divulgação da ciência e da tecnologia na mídia impressa sergipana e a sua contribuição no entendimento dos conceitos pertencentes ao campo científico. Centra-se, aqui, a importância das configurações da fotografia no campo do Jornalismo Científico, campo este que deve levar a um público leigo temas de ciência e tecnologia de modo claro e acessível.

Com base nas discussões do grupo de pesquisa formado para tomar a imagem fotográfica como objeto de investigação, a partir do projeto FAPITEC/SE “A construção imagética dos conteúdos jornalísticos e a divulgação da Ciência e Tecnologia na mídia sergipana”, foi possível tomar os jornais impressos Cinform e Jornal da Cidade para investigação. A partir de análises de conteúdos, num recorte de quatro meses, foram observadas as matérias científicas e como se deu a experiência visual nessa veiculação. Concluímos que, diante do texto e daquilo que entendemos por experiência visual dentro dessas matérias jornalísticas, as fotografias podem se configurar como informação, compartilhando com a realidade o seu estatuto de poder *reinterpretá-la*.

O recorte temporal de análise de conteúdos, definido pela equipe do projeto, compreendeu o período de agosto a novembro de 2011. A metodologia proposta consistiu, inicialmente, na pesquisa de matérias científicas publicadas por esses jornais, uma análise de como a fotografia se relacionava aos conteúdos explicitados no texto e como ela agregava valor à compreensão do tema. Para isso, foi elaborada uma ficha analítica contendo os principais elementos da matéria jornalística - como descrição da imagem, créditos e legendas das fotos, as fontes utilizadas e apresentação de elementos de destaque no texto - que permitiu a quantificação e comparação entre os dados apresentados por cada

um dos veículos. A análise também permitiu compreender a relação que os jornais estabelecem entre os conteúdos imagéticos e textuais presentes nas suas matérias.

O Jornal Cinform foi fundado em 1982 e idealizado para ser um balcão de classificados, com circulação semanal. Somente em 1986, o jornal adicionou conteúdos jornalísticos ao seu material. A partir dos anos 2000, com a aquisição de novos equipamentos, iniciou-se uma campanha para aumentar a tiragem dos impressos. Na primeira semana de implementação da campanha de vendas, registrou-se a saída de 20 mil exemplares, nas semanas seguintes houve um registro de mais de 21 mil exemplares vendidos. Atualmente, o jornal possui uma tiragem média de 25 mil exemplares por semana, considerada a mais abrangente do Nordeste em proporção às dimensões demográficas do Estado. Possuindo o parque gráfico mais moderno de Sergipe, o Cinform conta com um corpo de 90 funcionários diretos e gera cerca de 600 empregos indiretos. A abrangência do semanário atinge todos os 75 municípios de Sergipe.

O Jornal da Cidade está presente no mercado sergipano desde 1971, quando foi concebido para ser um tablóide semanal. Na época da fundação, o jornal não contava propriamente com funcionários, a impressão era terceirizada e a distribuição era organizada pelos próprios ajudantes que vendiam o jornal. A partir do segundo ano de fundação do jornal, é que ela passou a se constituir como um veículo diário. Em 1976, ele já despontava como o impresso líder do mercado sergipano. Na década de 90, o jornal passa por sérias reformulações, apresentando uma nova linha jornalística de conteúdo, além de contar com diversificadas colunas e noticiários de agências e da grande imprensa nacional. Ainda no início desta década, o Jornal da Cidade passou por uma intensa fase de reformulação com algumas mudanças em seu visual gráfico, com o uso da informática nos setores de composição e redação, além da aquisição de mais duas máquinas na unidade de impressão gráfica e aquisição de equipamentos de pré-impressão. Em 1999, o Jornal da Cidade finalmente saiu em cores, passando ainda por outra reformulação gráfica que mudou desde o logotipo até o tamanho de suas letras usadas em textos, legendas e títulos.

2. Império das Imagens

Tomemos o mundo em sua infinidade de aberturas, onde tudo pode ser fotografado e filmado, onde tudo torna-se e se deixa ver como um todo, sem portas e sem muros. Um mundo (super) exposto. *Superexposição* “que define a imagem de um mundo sem

antípodas, sem faces ocultas” (VIRILIO, 1993, p. 14). Uma realidade sensível evidentemente *transparente*, se seguirmos com Paul Virilio (1993), e ainda bombardeada de signos (PEIRCE, 2008). Do regime das imagens, circulantes e em movimento, parece-nos que tudo está mesmo à mostra, lição antonioniana de *Blow-Up* (1966), e mesmo que se fuja das imagens, cobrindo espelhos, esta é revelada, lição beckettiana de *Film* (1965).

Como o mundo não pode falar, põe-se no confessionário da imagem. Se o mundo é imagético, a imagem do mundo é o Império (cf. NEGRI; HARDT, 2000), ambos flexíveis e dinâmicos. Império das imagens. E se as imagens são mediações entre o homem e o mundo (SANTAELLA, 2001), elas pensam, constituem-se como linguagem, potencializam uma experiência da visão (COMOLLI, 2008). Assim elas nos guiam para algum lugar ou além-mundo, e quanto mais não encontramos o lugar, mais buscamos imagens-mundo.

No limiar deste entendimento, é evidente que as imagens fotográficas nos abrem muitos horizontes. Desde as origens a fotografia teve inscrita em sua história a reprodução mecânica daquilo que não se repetirá, consolidando a tradição barthesiana de congelamento do real (cf. BARTHES, 1984). Um recorte estático, isto porque fotografias materializam o mundo. Se já é conhecida, no discurso fotográfico, a concepção de fotografia como fragmento do mundo (SONTAG, 2004), podem as imagens fotográficas ampliar as fronteiras do mundo físico e recriá-lo? Diante da tradição que eternizou o tempo na imagem, pode a fotografia dissimulá-lo para fabricar outros mundos?

2.1 Do documento ao inventivo

Radicalizar, como lembra Marx, é tomar as coisas pela raiz. Poderíamos, então, radicalizar o estatuto da fotografia? Se assumirmos a tarefa, devemos voltar-nos às origens do discurso fotográfico, ou seja, à raiz: a fotografia como registro, documento. Tomá-la pela raiz é, pois, regressar ao *eidós* da fotografia do discurso amoroso de Roland Barthes que, digamos, foi ao grau zero da fotografia através de suas concepções de *studium* e *punctum* em *A Câmara Clara* (1984). Teve a imagem fotográfica seu estatuto de recorte estático de um tempo móvel, algo de tautológica, imagens *sem intenções* alimentando-se do real, mas sem duplicá-lo – a isso, Barthes (1984, p. 66) chamou-as de “fotografias unárias”. E ainda foi o mesmo linguista Roland Barthes que inscreveu a fotografia como mensagem – principalmente as fotografias de imprensa, que também se enquadram no espaço unário – puramente ligada a um *real literal*.

As aventuras de Barthes pelo discurso fotográfico do *isso-foi*, em uma obra quase romanesca, permitiu a leitura destas imagens em sua consolidação na imprensa – as imagens tratadas neste artigo não deixam, de certa forma, de ser *imagens-studium*. Leituras semióticas que penetram no mundo icônico (cf. SILVA; ARAUJO; COLUCCI, 2011), isto é, mundo das formas, podendo a fotografia estar inscrita num *processo de signagem* (cf. PIGNATARI, 2004). À esteira destes processos caminharam outras teorizações, não apenas para recobrir lacunas como também para sintetizar discursos, como as de Philippe Dubois (1993) ao tratar dos recortes que faz do mundo e do modo como a ele se refere, situando a imagem fotográfica tanto no índice como no referente ao objeto.

Entretanto, para além do *status* da fotografia como documento do real podemos deflagrar um campo de tensões. Levar ao limite a tradição do discurso fotográfico requer penetrarmos em outros campos de teorizações, como a sociologia e a antropologia, mas não no intuito de pôr em terra teorias, mas de articulá-las. Na sociedade industrial da reprodução e da cópia (cf. BENJAMIN, 1994), é lícita a contribuição para o discurso fotográfico do pensamento sociológico de José de Souza Martins, em *Sociologia da fotografia e da imagem* (2009). Pensamento que fez a fotografia se libertar do seu caráter documental, inscrevendo-lhe uma construção imaginária. Sendo imaginária, “o que ela documentaria, então? Quem nos garante que a fotografia formalmente similar e precisa, e aparentemente objetiva, [...] é documento verdadeiro do que as pessoas veem e, sobretudo, sentem, pensam, fazem e são?” (MARTINS, 2009, p. 158).

Martins assim abre a discussão para repensar o papel da fotografia no contemporâneo, para pôr a fotografia num adeus ao documental, não para aniquilá-lo, mas para usurpá-lo, um documental que é impregnado de fantasia, muito mais próximo do irreal que do real. Não intenta aqui mapear a utilização técnica da fotografia pelo campo das Ciências Sociais, mas sim como, a partir da reflexão sociológica, traçar novos caminhos, investir em novos pacotes de imagens, em novas aventuras, em novos mundos, em novas transformações. Pensar com a sociologia da fotografia e da imagem nos esbarrarmos em novos campos tensionados: imagens-mundo de um paraíso perdido (OLIVEIRA; ARAUJO, 2011), fotografias que transformam e atualizam o real (SANTOS, 2010), e que também fabricam mundos.

Se teve a fotografia o estatuto do documento, por que não ser um documento social? Por que não um documento “da invasão da vida cotidiana” (MARTINS, 2009, p.20)? Para responder a tais questões, a reflexão de Martins vai à raiz, nas teorizações da

fotografia, para negar a tese de congelamento – aí a crítica barthesiana – a partir do que chama de “ficcional da natureza polissêmica da fotografia” (Ibidem, p. 37). Ficcional, “a fotografia não congela nem retrata o que está lá. [...] Nutre a sua interpretação por uma contínua remessa do real, que não se deixa congelar” (Idem). Assim, é a fotografia um documento da incerteza. Mas é a fotografia ficcional porque apresenta o caráter *narrativo*. Fotografias narram, tecem histórias, inventam, recriam, representam, apresentam.

A fotografia vista como conjunto narrativo de histórias, e ao como mero fragmento imagético, se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. Memória das perdas. Memória desejada e indesejada. Memória do que opõe a sociedade moderna à sociedade tradicional, memória do comunitário que não dura, que não permanece (MARTINS, 2009, p. 45).

A reflexão sociológica da fotografia foi a que mais nos direcionou para os seus paradoxos em seu campo de tensões, entre ver e o não-ver, entre o presente e o ausente, entre o real e o irreal. Colocou-a em *descongelamento*. “O pressuposto de que a fotografia é um ato de congelamento não é mais do que ideologia do ato fotográfico, algo bem distante da apreciação propriamente científica do que é a fotografia” (MARTINS, 2009, p. 65). Somos lançados à carência de novos modos de ver (cf. BERGER, 1999). O que teríamos então para ver? Se é a fotografia imaginação e narração, poderia ser ela narração de uma realidade que já é em si encenação? A tese de José Martins, de que “a própria realidade fotografada, pessoas e situações, já é em si mesma um cenário teatral e polissêmico” (MARTINS, 2009, p. 169), muito se aproximará das concepções da antropóloga Sylvia Novaes referente aos modos de ver, “esse modo de olhar a cena transforma o mundo em espetáculo” (NOVAES, 2009, p. 39).

Tanto a sociologia quanto a antropologia, ao utilizarem a fotografia, mesmo que a façam de instrumento de registro, com objetividade, criam imagens de ficção. Desse modo, mapeadas e articuladas as teorizações da imagem fotográfica, qual seria, então, o lugar da fotografia no Jornalismo Científico? Partindo das tensões deflagradas, argumentamos aqui que as imagens fotográficas no campo do Jornalismo Científico situam-se num entre lugar, num entre meio entre o documental e o inventivo. Mesmo alimentando-se do real, dos fatos, para registrá-los, constroem narrativas, fabricam novas realidades. Documentos sociais de uma vida encenada.

Mas, depois de situado o estatuto da fotografia no Jornalismo Científico, cabe elencar outra problemática: a imagem, signo não-verbal, frente ao texto, signo verbal. Já é conhecida da teoria semiótica a tese de que palavras fabricam imagens, o que permitiu algumas teorizações acerca da crise da palavra frente à imagem. Não nos objetiva seguir os passos da insuficiência do código verbal, mas como as imagens *penetram* no texto (NOVAES, 2009). Problematizar a escrita pela imagem para que esta ilustre o texto e além: que as imagens possam *remagicizar* o signo verbal (FLUSSER, 1985). Com Vilém Flusser (1985) e sua filosofia da fotografia, direcionamo-nos para imagens que tornam textos imagináveis, imagens entre ciência e arte (ROUILÉE, 2009).

Se tomarmos a lição de John Berger (1999) de que ver precede palavras, podemos lançar-nos em novas experiências visuais e analisar como são estabelecidas essas relações imagem/mundo, imagem/texto, no Jornalismo Científico, a partir de fotografias retiradas de matérias científicas de dois grandes veículos jornalísticos da mídia sergipana, *Jornal da Cidade e Cinform*.

3. A Utilização da Fotografia nos Impressos: Uma Análise do Cinform e Jornal da Cidade

Entre os meses de agosto a novembro de 2011, as matérias de cunho científico publicadas no jornal da Cidade e Cinform foram catalogadas e devidamente analisadas, através de uma ficha padrão utilizada como modelo de análise. A proposta desta ficha era identificar e classificar as seguintes categorias de cada notícia: número de matérias e indicação territorial do conteúdo científico realizado por cada jornal; quantidade de fotos em cada matéria e composição das imagens; a existência de legendas e os critérios de identificação das fotografias; relação observada entre a imagem e o texto da notícia; fontes citadas na matéria e o tipo de linguagem usado nos textos. Abaixo estão descritos os questionamentos dispostos nas fichas analíticas e os resultados obtidos depois da quantificação e interpretação qualitativa dos dados.

3.1- Produção de matérias científicas nos jornais impressos

Dentre o período analisado, foram catalogados 17 exemplares do jornal Cinform. Desse total, somente sete edições apresentaram matérias de cunho científico e dez edições não apresentaram nenhum texto de procedência científica. No geral, as sete edições apresentaram 11 notícias científicas, presentes nas editorias de Veículos, Imóveis, Cidade,

Municípios e Emprego. Nas 11 matérias analisadas, nove delas faziam referências a acontecimentos ocorridos em âmbito local (correspondendo a 82%) e duas faziam menções a fatos registrados em abrangência nacional (18%). Somente as editorias de Veículos e Cidade registraram matérias com acontecimentos de âmbito nacional e local.

No Jornal da Cidade, foram analisados 83 exemplares, durante os quatro meses de análise. Desse total, 25 edições (30%) apresentaram matérias científicas ilustradas com fotografias e desenhos. Já 49 edições (59%) não possuíam nenhuma matéria científica. E nove exemplares (11%) apresentavam matérias científicas, mas não possuíam imagens. Do conjunto de 25 edições que possuíam matérias científicas com fotografias, foram contabilizadas 39 conteúdos noticiosos, distribuídas nas editorias de Cidade, Mundo, Política, Municípios, Economia, Veículos, Saúde e Saúde/Bem Estar. Foram registradas 37 matérias de indicação local (95%), com maior presença nas editorias de Cidade (70%), Municípios (16%) e Saúde/Bem Estar (5%). E somente duas matérias (5%) de indicação nacional, nas editorias de Veículos e Mundo.

3.2- Número e composição das fotografias

O Cinform apresentou um total de 20 imagens no seu conjunto de 11 matérias científicas. As editorias com a maior presença do conteúdo imagético foram, respectivamente, Veículos com oito fotos (representando 40% do total), Cidade e Imóveis com quatro fotos cada uma (representando 20%) e Municípios e Emprego com duas fotos (representando 10%). Dentre as 20 fotos, 19 imagens foram publicadas em aspecto preto e branco (95%), com presença marcante nas editorias de Veículos (43%), Cidade (21%) e Imóveis (21%). A única foto colorida foi encontrada na editoria de Municípios, publicada na edição do mês de novembro.

Dentre as 39 matérias de cunho científico do JC, foi contabilizada a existência de 61 imagens, encontradas preferencialmente nas editorias de Cidade (61%), Municípios (21%) e Saúde/Bem Estar (5%). Das 61 imagens, 51 fotografias são em preto e branco (84%) e dez imagens são coloridas (16%). As editorias que mais possuem imagens em composição preto e branco são Cidade (57%), Municípios (25%) e Veículos (8%). Já entre as dez imagens coloridas, somente as editorias de Cidade (80%) e Saúde/Bem Estar (20%) registram este tipo de composição imagética.

3.3- Créditos e Legendas das imagens

Todas as 20 imagens do Cinform possuíam identificação sobre quem produziu a imagem. Desse total, 14 imagens foram creditadas com nomes dos repórteres fotográficos do próprio veículo (70%). Os restantes dos créditos foram registrados com o nome Editoria de Arte (10%), Arquivo (10%) e Cinform (10%). Os fotógrafos que realizaram o maior registro de imagens para as notícias científicas foram Ivve Rodrigues (50%), Ana Lícia Menezes (36%), Wellington Barbosa (7%) e Artur Soares (7%). Com relação às legendas que contextualizam a fotografia, somente duas imagens (10%) não apareciam com esse recurso, já as restantes das fotografias utilizavam esse recurso (90%). As editorias com a maior presença de imagens com legendas foram Veículos (44%), Cidade (17%) e Imóveis (17%).

Assim como o Cinform, o JC também identifica em todas as fotos o autor que produziu as imagens. Dentre as 61 fotografias presentes nas edições analisadas, 32 imagens foram realizadas pelos fotógrafos do periódico (52%), já 15 imagens aparecem creditadas com o nome divulgação (25%), oito fotos aparecem registradas com o nome Agência (10%), e as restantes são creditadas com o nome Arquivo (8%) e Outros (5%). Os fotógrafos que mais vezes aparecem como os responsáveis pelas imagens que ilustram as matérias científicas são Jadilson Simões (38%), André Moreira (31%) e Maria Odília (13%).

Na questão das legendas, as matérias do Jornal da Cidade apresentaram, em sua maioria, a presença desse recurso. Das 61 imagens, 48 apresentam legendas (79%) e 13 fotografias não possuem legendas (21%). As editorias que mais utilizam legendas são Cidade (60%) e Municípios (21%). Já para as 13 imagens sem legendas, elas estão distribuídas nas editorias de Cidade (62%), Municípios (23%) e Saúde/Bem Estar (15%).

3.4- Fontes utilizadas e linguagem adotada nas matérias

As fontes utilizadas para a realização das matérias foram divididas em dois aspectos: o primeiro considerou as chamadas fontes oficiais, ou seja, os entrevistados caracterizados como especialistas ou estudiosos do assunto abordado na matéria; já o segundo tipo de fonte foi caracterizado como os documentais, que são representados por relatórios ou dados de uma determinada pesquisa que serviu como referência para a elaboração da notícia científica. Com relação a esse aspecto, o Cinform apresenta uma

característica peculiar: no conjunto de 11 matérias analisadas, 10 matérias apresentam os dois tipos de fontes (91%) e somente uma matéria (9%), da editoria de Municípios, publicada no mês de novembro, é que utiliza a fonte documental como única base argumentativa para a construção da matéria.

Já com relação à linguagem adotada, as matérias do Cinform dão ênfase a uma construção textual de fácil entendimento, sem a exploração de palavras de cunho científico ou não usuais para o público leitor. No total de 11 matérias, oito apresentaram essa característica (73%). Somente três matérias (27%), publicadas nas editorias de Cidade e Veículos, apresentaram termos mais relacionados a jargões científicos que são desconhecidos pelo público em geral.

No Jornal da Cidade, entre as 39 matérias analisadas, 30 notícias utilizaram fontes oficiais (77%). Somente três matérias utilizaram unicamente fontes documentais como base de elaboração dos textos (8%). E seis matérias utilizaram os dois tipos de fontes na base argumentativa dos textos (15%). A editoria de Cidade aparece em destaque por apresentar o maior número de matérias com fontes oficiais (67%), além de possuir conteúdos noticiosos que mais utilizaram os dois tipos de fontes no mesmo texto.

A linguagem adotada pela maioria das matérias do JC dá ênfase a palavras de significados simples, sem o uso de jargões científicos ou termos de difícil entendimento pelo público leigo. Dentre as 39 matérias, 26 notícias utilizam termos simples (67%), sendo que as editorias que mais possuem matérias com essa característica são Cidade (65%), Municípios (11%) e Saúde/Bem Estar (8%). Dentre as 13 matérias (33%) que utilizam termos mais desconhecidos do público em geral, as editorias em que elas estão mais presentes são Cidade (69%), Municípios (23%) e Saúde (8%).

3.5- Relação entre o texto e imagem

Sobre este aspecto, o jornal Cinform apresentou oito matérias (73%) que possuem relação direta das imagens com o tema explorado nos textos. As editorias com a maior concentração desses tipos de matérias foram Veículos (37,5%) e Cidade (25%) que, aliás, aparecem como as editorias com o maior número de recursos gráficos ou ilustrações que ajudam a complementar as informações presentes no texto e aparecem como elementos atrativos para os assuntos abordados nas matérias. Dentre o conjunto de 11 matérias, foram contabilizadas três matérias (correspondendo a 27% do total) que não fazem relação direta das imagens com o assunto apresentado nos textos. As editorias com a presença de

matérias nesse formato foram Imóveis, Municípios e Emprego. A composição das imagens presentes nestas editorias não trazia elementos que ajudavam a esclarecer o leitor sobre o assunto abordando, trazendo planos gerais incongruentes com os textos, além de que as legendas indicativas não eram diretamente direcionadas ao assunto tratado nas notícias. (Ver Anexo A).

No Jornal da Cidade, dentre as 39 matérias científicas registradas no período analisado, 34 matérias (87%) apresentaram relação entre a imagem e conteúdo dos textos. As editorias com a maior presença de notícias relacionadas foram as de Cidade (68%) e Municípios (17%). No geral, somente cinco matérias (13%) não apresentaram relação entre o conteúdo textual e imagético. Em grande parte, as fotos só mostram imagens dos entrevistados, sem trazer maiores referências sobre o conteúdo explorado nas notícias. Em nenhum momento, o JC utiliza recursos gráficos ou de ilustrações para complementar as informações presentes na matéria. (Ver Anexo B).

4. Considerações Finais

A fotografia é, pois, reconhecida como o testemunho de algo extinto, que lida sempre com o real, mas que carrega a possibilidade de múltiplas interpretações e que permite a reavaliação de uma realidade ou momento, trazendo à tona valores perdidos na invisibilidade do cotidiano. Desse modo, muitas vezes é tratada com pouca importância, com simplicidade, deixando às escuras todas as possíveis interpretações que podem ser captadas a partir de uma imagem.

Segundo Luís Humberto (2000, pag. 41), a fotografia reduz a complexidade a um espaço de tempo, tornando-a objeto de uma realidade existente, agora deliberada por uma linguagem. De acordo com ele, a fotografia, principalmente o fotojornalismo, passa por esse momento de banalização, devido a sua forma repetitiva e cansativa que tem se tornado esse trabalho, ainda mais evidenciado nos veículos impressos. Faz-se, portanto, necessário a busca pelo novo, levando o público a um espaço de reflexão fora da realidade cotidiana.

Além de estudar a forma como a fotografia é trabalhada dentro da mídia, a análise buscou compreender o entendimento do seu papel em antecipar ou indicar os elementos que o leitor irá encontrar no texto. Em especial, ao se referir a conteúdos de cunho científico que necessitam de entendimentos específicos sobre o assunto abordado nos textos, seja por trazer termos de difícil compreensão ao público leigo ou por abordar temas

fora do seu conhecimento. Desse modo, a fotografia teria, num primeiro momento, a função de facilitar a compreensão do texto.

Evidenciando o elemento de facilitar a compreensão do texto, as imagens nos veículos impressos sergipanos *Jornal da Cidade* e *Cinform* trazem, em sua maioria, relação com o conteúdo presente nas matérias. Entretanto, a maioria das imagens foca na representação do entrevistado – caracterizado como o especialista ou a fonte oficial da matéria– em detrimento de ilustrar outras perspectivas possíveis sobre o assunto tratado.

A composição em preto e branco é predominante nas notícias analisadas e ambos os veículos dão destaque ao uso de imagens realizadas pela sua equipe de repórteres fotográficos. Todas as fotos analisadas possuem identificação sobre o autor ou local em que a imagem foi originalmente retirada. Outro aspecto observado é que grande parte das fotografias apresenta legendas incidativas, mostrando uma contextualização sobre o tema proposto nas matérias.

Com relação ao tipo de fonte utilizada, o *Cinform* apresenta uma característica peculiar de explorar em quase todas as suas matérias informações advindas de documentos juntamente com a declaração de entrevistados. Já o *Jornal da Cidade* adota o uso de fontes oficiais na maioria de seus textos, em alguns casos, nota-se a presença de fontes documentais ou a existência dos dois tipos de fontes na mesma matéria. A linguagem utilizada pelos veículos é essencialmente simples, sem o uso de muitos termos científicos ou desconhecidos do público leigo.

Um aspecto importante a ser apontando é que o caderno de *Cidade*, em ambos os veículos, aparece como uma das editorias com o maior número de fotografias analisadas. Ou seja, grande parte das matérias científicas que apresentam conteúdo imagético provém dessa editoria, que destina-se à produção de notícias locais e focadas em âmbito estadual. Permitindo, dessa forma, inferir que os veículos impressos enfatizam os acontecimentos ocorridos em uma esfera local, além de que a produção de matérias desenvolve-se pelos próprios veículos, sem a utilização excessiva de textos copiados de agências nacionais ou outros jornais fora do universo sergipano.

Referências Bibliográficas

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. São Paulo: Papirus, 1993.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1993.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- HUMBERTO, Luis. *Fotografia, a poética do banal*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000; 106p.
- MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2009.
- NEGRI, A.; HARDT, M. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. “Imagem e Ciências Sociais: trajetória de uma relação difícil”. In: BARBOSA, A; CUNHA, E. T; HIKIJI, R. S. G. (orgs). *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009.
- OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo científico*. São Paulo: Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, T. R. M; ARAUJO, R. M. S. “Império da natureza, nomadismo ambiental: pedagogias culturais na revista Nacional Geographic”. In: *III Encontro Sergipano de Educação Ambiental*. São Cristóvão, novembro, 2011.
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva: 2008.
- PIGNATARI, Décio. *Semiótica da arte e da arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e a arte contemporânea*. São Paulo: SENAC-SP, 2009.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, A. C. L. “A fotografia entre o documento e a expressão: um estudo acerca da produção imagética de Pedro Meyer”. In: *XIX Encontro da Compós*, Rio de Janeiro, jun. 2010.

SILVA, A. L.; ARAUJO, R. M. S.; COLUCCI, M. B. “A fotografia no Jornalismo Científico: o posicionamento dos portais sergipanos Infonet e Emsergipe.com”. In: *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recife, setembro, 2011.

SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA E SILVA, Wagner. “Entre fotografia científica e a ciência da fotografia”. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, nº 17, pgs. 435-444, 2007.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

